

# ZINE **CONSCIENTE**

## #47



**Richard Reeves**, pesquisador  
sênior em estudos econômicos  
da Brookings Institution.

**O capitalismo e sua promessa de  
um futuro melhor: ainda é possível?**

## Os maiores desafios para o capitalismo emergem quando essa promessa começa a ser questionada

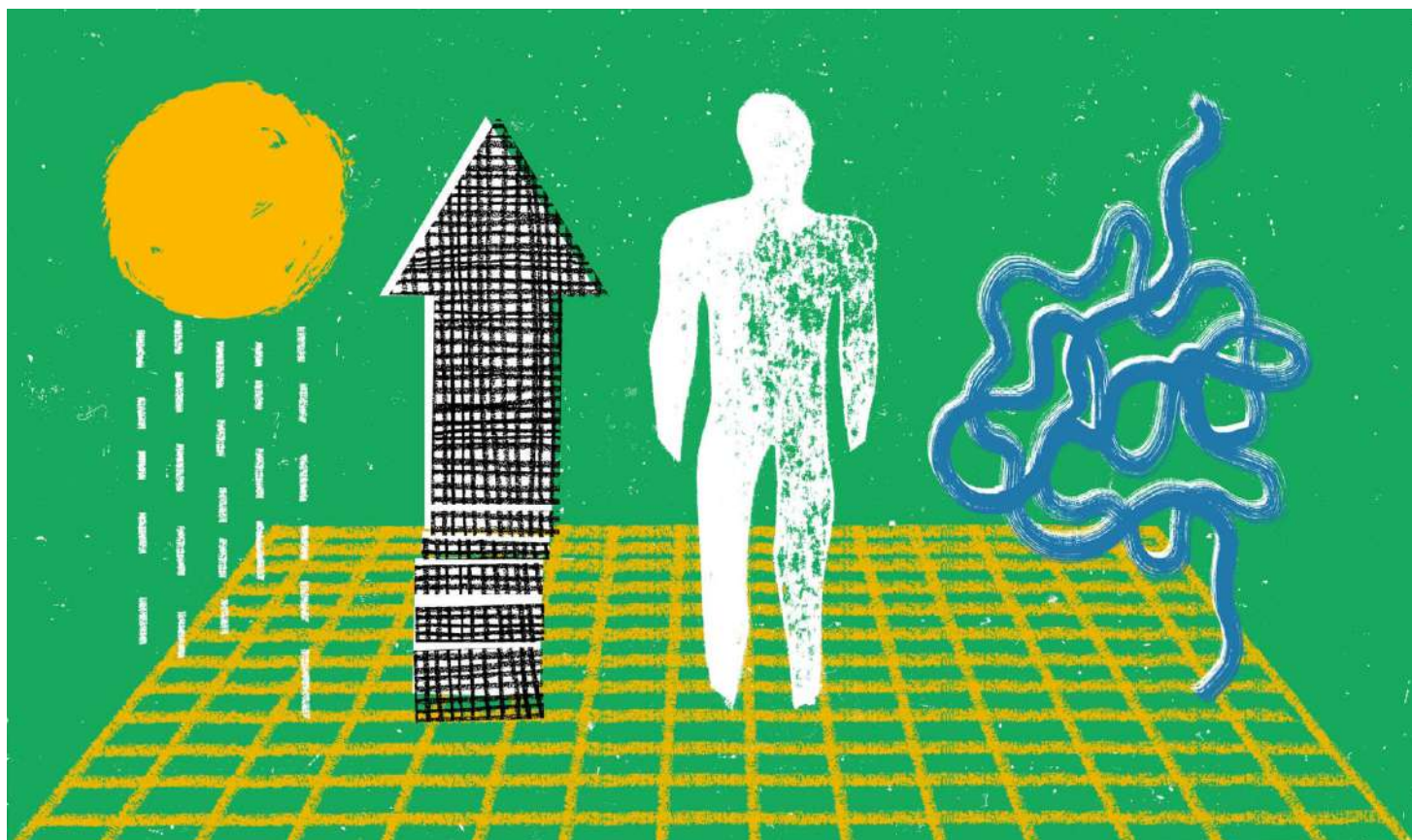


Ilustração: Lucy Jones/The Guardian

O capitalismo é intrinsecamente futurista. As ideias que sustentam as economias de mercado - crescimento, acumulação, investimento - expressam uma suposição tácita de que amanhã será diferente e provavelmente melhor do que hoje. A pergunta que murmura nos mercados não é “O que é bom?” ou “O que é justo”, mas: “O que há de novo?”.

Essa orientação para o futuro é uma das características mais marcantes da modernidade. As sociedades pré-capitalistas olhavam para o passado - para fundar mitos, velhas religiões e linhas ancestrais. As sociedades capitalistas, por outro lado, encaram o futuro - para novas invenções, horizontes mais amplos e maior abundância.

A mudança é um caminho ambíguo, no qual oportunidades e incertezas caminham lado a lado. Os críticos do capitalismo frequentemente argumentam que ele cria um futuro

incerto, porém o crescimento econômico requer mudança e ruptura - a “destruição criativa” de Schumpeter. Isso é verdade nos detalhes - ninguém sabe onde a dinâmica do mercado nos levará a curto/médio prazo, ninguém previu o surgimento de redes sociais globais como o Facebook e o Twitter. No quadro geral, no entanto, quando a economia se desenvolve - como resultado do capitalismo de mercado - podemos prever com confiança que o futuro será melhor que o presente.

O capitalismo manteve essa promessa de prosperidade muito bem ao longo de toda a história. Em comparação com períodos anteriores, as condições materiais de vida melhoraram dramaticamente desde o nascimento do capitalismo. De 500 d.C. até 1700, a produção econômica por pessoa permaneceu estável. Em outras palavras, a pessoa mediana em 1700 não estava em melhor situação, economicamente falando, do que a

pessoa mediana em 1200.

A ideia de progresso econômico está agora tão inserida culturalmente que mesmo meia década sem progresso já faz soar o alarme, indicando que algo está errado. Mas, durante 99% da história humana, a crença de que a vida vai melhorar - na terra, não apenas no céu - teria sido considerada excêntrica. Talvez meus filhos tivessem mais do que eu; talvez não. De qualquer forma, as condições de vida futuras provavelmente não teriam muito a ver com as atividades humanas, e é por isso que as sociedades pré-capitalistas eram profundamente religiosas: uma boa colheita estava nas mãos dos sistemas meteorológicos, o que, por sua vez, significava que estava nas mãos dos deuses.

Marx acusava a religião de ser o ópio das massas, distraíndo-as da exploração capitalista. Mas o capitalismo tem minado continuamente a religião ao prometer de forma confiável que o futuro será de fato materialmente melhor, e não por causa da intervenção divina, mas por causa do mercado feito pelo homem.

A maior promessa do capitalismo é que cada geração subirá, sobre os ombros da anterior, como resultado do funcionamento natural de uma economia de mercado. Não deve ser surpresa que os maiores desafios para o capitalismo surjam quando essa promessa começa a ser questionada. Se o capitalismo perder o controle do futuro, estará em apuros.

Os mercados funcionam com base na psicologia. Trabalhamos para viver, mas também trabalhamos na esperança razoável de que isso nos permitirá viver melhor no futuro, obtendo mais recompensas do mercado à medida que crescemos em experiência e habilidade, e economizando e multiplicando nosso patrimônio através do que o eco-

nomista britânico John Keynes (1883-1946) descreveu como a “mágica” dos juros compostos originada do progresso econômico geral. Em um nível individual, podemos dizer que estamos economizando para dias difíceis, mas, coletivamente, a poupança permite a acumulação de capital, o investimento, o que estimula o crescimento. Como resultado desses processos, podemos até mesmo esperar em nossos últimos anos de vida outra invenção moderna: uma “aposentadoria”.

O progresso econômico também se estende ao longo das gerações, à medida que os pais veem o padrão de vida de seus filhos superar o seu sucessivamente. O instinto humano básico de ver nossos filhos florescer foi fortemente canalizado por meio do crescimento liderado pelo mercado. Trabalhamos não apenas para nós mesmos, mas para nossos filhos. Podemos investir em sua educação, para que suas habilidades aprimoradas signifiquem uma vida melhor.

As pessoas investirão em um futuro melhor se - e somente se - houver uma boa chance de que valha a pena, de que o sistema forneça de forma confiável esse futuro melhor. O capitalismo não apenas produz uma sociedade voltada para o futuro, ele o exige. Se a promessa de um futuro melhor começa a desaparecer, um círculo vicioso se instala. Por que economizar? Por que se sacrificar? Por que ficar na estudar por mais tempo? Se a dúvida se insinuar, as pessoas podem trabalhar menos, aprender menos, economizar menos - e se fizerem isso, o crescimento será realmente lento, cumprindo suas próprias profecias. A maior ameaça ao capitalismo não é o socialismo, mas sim o pessimismo.

No momento, existem três grandes desafios para a promessa capitalista de um amanhã melhor: crescimento mais lento da

renda para muitos ao longo de suas vidas profissionais e até a aposentadoria; menores chances de que os filhos se saiam, economicamente, melhor do que seus pais; e um aprofundamento da crise climática.

Primeiramente, a expectativa de uma renda em crescimento constante ao longo do tempo tornou-se mais difícil de atender à medida que o crescimento desacelera e aumenta a incerteza no emprego. A mobilidade ascendente de rendimentos ao longo da vida profissional também diminuiu. Em 2016, um estudo publicado pelos professores de Economia da Universidade de Massachusetts Michael Carr e Emily Weimers mostrou que as chances de os assalariados da classe média subirem para os degraus mais altos da escala de rendimentos diminuíram em aproximadamente 20% desde o início dos anos 1980 (EQUITABLE GROWTH, 2016). Ou seja, tornou-se mais difícil subir a escada se você começar de baixo; assim, se antes os CEOs corporativos costumavam se gabar de iniciar suas carreiras como receptionistas ou estagiários, provavelmente não haverá muitas dessas histórias no futuro.

E não é só o crescimento da renda que é hoje mais lento do que há uma geração; para muitos trabalhadores também há mais volatilidade em termos salariais devido ao risco de desemprego em setores afetados por baixas no comércio ou pelo avanço da automação. Esse fenômeno, chamado pelos economistas de “volatilidade da renda”, intensificou-se nos últimos anos e é ainda mais preocupante para aqueles que estão na base da pirâmide da renda. Alguma volatilidade pode até ser positiva, trazendo bônus inesperados ou um bom ano em um segundo emprego, porém ela geralmente ocorre na forma de perda de receita, gerando choques econômicos descendentes - e psicologicamente exigentes. Os seres humanos são programados para ter “aversão

à perda” - em outras palavras, para sentir muito mais dor por uma perda do que prazer por um ganho equivalente. Sendo assim, não é de admirar que a maioria dos trabalhadores classifique a “segurança” como sua maior prioridade. A confiabilidade de um fluxo de receita é tão importante, para muitos, quanto seu valor.

Em segundo lugar, a suposição de que nossos filhos serão mais bem-sucedidos financeiramente do que nós está sob ameaça. A mobilidade intergeracional diminuiu e há duas razões principais para isso: o crescimento econômico desacelerou e os rendimentos desse crescimento acumularam-se em uma fatia muito menor da população; e essa ausência de impulso econômico ascendente está se infiltrando na consciência coletiva - apenas cerca de um em cada três pais americanos acredita que a próxima geração estará melhor.

**Figura 1.0:** Nove em cada 10 americanos nascidos em 1940 acabaram mais ricos do que seus pais; já entre os nascidos na década de 1980, apenas 50% conseguiram se sair melhor financeiramente do que a geração anterior.



**Fotografia:** Three Lions/Getty Images

O humor também importa, e a interação entre fatos e sentimentos é complexa. Se o futuro parece menos promissor, pode parecer também menos racional investir em educação, correr o risco de abrir um negócio ou mudar-se para outra cidade em busca de um emprego melhor.

O terceiro desafio não é psicológico, mas totalmente físico: a crise climática. Os aumentos nas temperaturas globais estão levando

a eventos climáticos mais extremos, colocando em risco certas áreas densamente povoadas e ameaçando os sistemas agrícolas. Obviamente, é necessário pesar custos e benefícios aqui. Se o crescimento econômico é responsável pela mudança do clima - e é -, ele também elevou significativamente o bem-estar material de bilhões de pessoas.

A questão é se o capitalismo pode ser parte da solução ao invés de parte do problema. Historicamente, a abordagem socialista, por exemplo, não foi muito melhor do que o sistema capitalista nesse sentido. O Lago Baikal, o maior lago de água doce do mundo, na antiga União Soviética, foi destruído pela poluição, absorvendo mais de 15.000 toneladas métricas de lixo tóxico. É verdade que o mercado não valoriza os recursos ambientais (não mais do que o socialismo de estilo soviético), porém isso não é culpa do mercado, mas dos políticos. O capitalismo de fato não se preocupa com a crise climática, mas culpá-lo pela mudança climática é como culpar as destilarias por alguns motoristas dirigirem embriagados.

Cabe também aos governantes, eleitos pelo povo, proteger o meio ambiente em seu nome. As forças do mercado estão sempre sendo moldadas, para o bem ou para o mal, pela política. E eles poderiam ser moldados aqui com a introdução de um imposto so-

**Figura 1.1:** Aumentos nas temperaturas globais estão levando a eventos climáticos mais extremos, colocando em risco certas áreas densamente povoadas e ameaçando os sistemas agrícolas.



**Fotografia:** Jim Wood

bre o carbono, estabelecido alto o suficiente para alterar fortemente o comportamento econômico das empresas. A maioria dos economistas é a favor de um imposto sobre o carbono: uma declaração recente de apoio obteve 3.500 assinaturas ilustres, incluindo quatro ex-presidentes do Federal Reserve, 27 economistas ganhadores do Prêmio Nobel e 15 ex-presidentes do Conselho de Consultores Econômicos.

Em três frentes, então, a promessa de um futuro melhor, que está no cerne da psicologia e da teoria capitalista, está sendo desafiada. A questão é se essa promessa pode ser restaurada dentro de uma estrutura capitalista - com, digamos, seguro salarial, redistribuição e um imposto sobre o carbono - ou se o próprio sistema ficará em risco.

Até mesmo alguns defensores vorazes do capitalismo já deram ao crescimento econômico uma "vida útil", vendo-o como uma fase necessária na história econômica para superar a privação material, mas desnecessária e possivelmente prejudicial uma vez que esse marco tenha sido ultrapassado. Ainda em 1848, o filósofo e economista britânico John Stuart Mill (1806-1873) argumentou que era "apenas nos países atrasados do mundo que o aumento da produção é um objeto importante. Nos mais avançados, o que é economicamente necessário é uma melhor distribuição". Já Keynes, em seu famoso ensaio de 1930 sobre as possibilidades econômicas para seus netos, previu que dentro de um século o problema econômico seria "resolvido" - em outras palavras, que todas as necessidades materiais razoáveis teriam sido satisfeitas. Dez anos pela frente, pessoal!

Há três problemas básicos com a ideia de que o crescimento econômico tem prazo de validade. Em primeiro lugar, ninguém tem um parâmetro adequado para deci-

dir exatamente quanto é o suficiente, já que nossos padrões de suficiência material também variam ao longo do tempo. O ar condicionado já foi considerado pela maioria dos americanos um “luxo”. Hoje é visto como uma necessidade: 86% dos lares americanos possuem ao menos um aparelho. Então, quem está certo? Mill não conseguia imaginar os automóveis da era de Keynes, que, por sua vez, não conseguia imaginar os computadores pessoais usados pelo economista americano John Kenneth Galbraith (1908-2006). Galbraith não conseguia imaginar o laptop no qual estou escrevendo isso, conectado a wi-fi, em um avião cruzando o Atlântico. E assim por diante. O ponto principal do crescimento capitalista é que ele não tem um ponto final.

Em segundo lugar, o capitalismo é essencialmente orientado para o crescimento. Os mercados não funcionam bem em um estado estacionário; são como tubarões, em movimento ou mortos. Até hoje, ninguém descreveu de forma satisfatória um modelo sem crescimento baseado no mercado. Terceiro, são sempre os pensadores de elite que decidem o quanto basta; quando muitos de seus concidadãos, olhando para eles, podem se sentir razoavelmente diferentes. A questão central agora, portanto, não é se ou como o capitalismo vai acabar, mas sim como ele pode renovar sua promessa de um futuro melhor - para todos nós. ■

#### **Traduzido e adaptado de:**

*Capitalism used to promise a better future. Can it still do that?* - Richard Reeves. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/may/22/capitalism-broken-better-future-can-it-do-that> Acesso em: 10/08/2020.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- **EQUITABLE GROWTH, 2016.** Washington Center for Equitable Growth. The decline in lifetime earnings mobility in the U.S.: Evidence from survey-linked administrative data. Michael D. Carr & Emily E. Wiemers, Department of Economics, University of Massachusetts-Boston. Disponível em: <https://equitablegrowth.org/working-papers/the-decline-in-lifetime-earnings-mobility-in-the-u-s-evidence-from-survey-linked-administrative-data/> Acesso em: 10/08/2020.



**CAPITALISMO  
CONSCIENTE**<sup>®</sup>  
BRASIL